

UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE
N.ºs 20-21 — SÃO PAULO - Novembro-Dezembro de 1954 — ANO II

KARDEC, o mensageiro de O CONSOLADOR

Proficiando a série de manifestações dos Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, o Espírito de Verdade afirma que "são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido, a fim de dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos". Evidentemente o Espírito de Verdade fazia alusão direta ao magno problema da Filosofia espiritualista, a qual ameaçava socorrer atacada, em sua essência, por um lado pelo dogmatismo religioso dominante, e por outro lado pela ciência materialista da época. Enquanto a ciência avançava a passos largos no que concerne às descobertas das leis que regem as questões relacionadas com o mundo da matéria, o setor religioso se via cada vez mais asfixiado pelo dogmatismo, pelo fanatismo, pela intolerância e pelo espírito de rotina. Era assim que a mentalidade humana caminhava, positivamente, para a vitória absoluta, definitiva, das concepções materialistas. Como bem o diz Bozzano, a filosofia da vida estava, toda ela, calcada no postulado falso da onipotência da matéria.

Foi exatamente nesse momento que surgiu na Terra, por designios superiores, o Espiritismo, a fim de mudar, diametralmente, o rumo das coisas, alicerçando a filosofia da Vida no postulado da onipotência do Espírito.

Era aí, nesse setor filosófico-religioso, que residia a maior treva que deveria ser desfeita, "a fim de confundir os orgulhosos e glorificar os justos".

Era chegado o momento solene da manifestação de O Consolador anunciado ou prometido por Jesus. Eis como Emmanuel se refere a esse momento solene:

"Aproximavam-se os tempos em que Jesus deveria enviar ao mundo o Consolador, de acordo com as suas auspiciosas promessas. Apelos ardentes são dirigidos ao Divino Mestre, pelos gênios que se reúnem e confraternizam nos espaços nas esferas mais próximas da Terra. Um dos mais lúcidos discípulos do Cristo baixa ao planeta, concentrado de sua missão consoladora e, dois meses antes de Napoleão Bonaparte sagrar-se imperador, obrigando o papa Pio VII a coroá-lo na Igreja de Notre Dame, em Paris, nasce Allan Kardec, aos 3 de outubro de 1804, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz de O Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus Cristo".

Todas as vészes que estudarmos o Espiritismo, não deveremos jamais nos esquecer dessa particularidade notável e essencial: Ele é o Consolador, ele foi revelado pela falange do Espírito de Verdade. O seu advento marca, portanto, o início de uma nova era para a filosofia de vida dos habitantes do planeta Terra. A ciência materialista, por mais que se aprofundasse nas questões relativas aos fenômenos do mundo da matéria, não continuaria destruindo as concepções espiritualistas dos homens, e a religião estacionária, dogmática e sectarista iria perder definitivamente o terreno conquistado à custa da ignorância, do medo e da superstição. Com o advento do Espiritismo a filosofia espiritualista estabeleceu-se no seu verdadeiro lugar e com as suas características definitivas, impondo-se inapelavelmente ao mundo, pela análise científica dos fatos a ela relacionados, pela clareza meridiana e pela solidez de sua lógica, bem como pelo esplendor rutilo e divino de sua moral.

Kardec nasceu para codificar essa Doutrina espiritualista redentora que os Espíritos do Senhor iriam revelar aos homens da crosta; embora sem abdicar de seu livre arbítrio e de seu espírito científico, Kardec foi o intermediário entre a falange do Espírito de Verdade e a humanidade. A Doutrina era dos Espíritos, e era Divina porque vinha por determinação do Criador e em nome de Jesus.

Embora a sua mentalidade fosse muito mais de positivista do que de idealista, Kardec foi sempre orientado e controlado por essa falange de Espíritos superiores. A tal respeito, eis o que o Codificador escreveu nos prolegômenos de "O Livro dos Espíritos": "Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de Sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade. Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles, e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de o publicar".

No que concerne a "O Livro dos Médiuns", diz Kardec na sua introdução: "Importantes alterações, para melhor, foram introduzidas na segunda edição, muito mais completa do que a primeira. Acrescentando-lhe grande número de notas e instruções do maior interesse, os Espíritos a corrigiram com particular cuidado. Como reviram tudo, aprovando-a, ou modificando-a à sua vontade, pode dizer-se que ela é, em grande parte, obra deles, porquanto a intervenção que tiveram não se limitou aos artigos que trazem assinatura. São poucos esses artigos, porque apenas apusemos nomes quando isso não pareceu necessário, para assinalar que algumas citações em tanto extensas poderiam deles textualmente. A não ser assim, houvéríamos de citá-los quase que em todas as páginas, especialmente em seguida a todas as respostas dadas às perguntas que lhes foram feitas, o que não se nos afigurou de nenhuma utilidade".

Finalmente em "Obras Póstumas", entre outras coisas interessantes a esse respeito, se lê dos Espíritos a Kardec: "...o teu cérebro recebe as nossas inspirações com uma facilidade que não imaginas. A nossa ação, especialmente a do Espírito de Verdade, é constante sobre ti, o tal que não podes fugir-lhe. E' por isso que não entrarei em ociosos detalhes sobre o plano da tua obra que, pelos meus ocultos conselhos, tens modificado completamente".

A obra que Kardec codificou é obra dos Espíritos do Senhor, e como as palavras do Mestre não passarão, segue-se que Kardec também não passará, pois ele representa, no plano encarnado, a filosofia da vida do Cristo, através de O Consolador.

Por essa razão, Kardec será sempre impar em Espiritismo. O seu nome estará sempre ligado à Doutrina de O Consolador, como este estará sempre ligado à Doutrina de Jesus, assim como o Mestre estará sempre ligado à vontade do Criador.

NATAL DE 1954 A VOLTA DO CRISTO

Pietro Ubaldi
(Tradução de Mário Corbioli)

Estamos no Natal. O mundo festeja o nascimento de Cristo na Terra, em recordação de um evento histórico que se verificou há vinte séculos. E todo ano o mundo renova a comemoração e a lembrança.

Nós nos perguntamos, porém: o que se deu com aquele Cristo de quem os Evangelhos nos dizem ter morrido e, depois, ressurgido, desaparecendo nos céus?

Entretanto, se Ele não está mais presente fisicamente entre nós, isto não nos autoriza a pensar esteja Ele espiritualmente ausente da Terra, distanciado das vivendas desta sua humanidade e do coração daqueles que O desejam e O amam.

Eis que Cristo, ainda que não o possamos identificar com o Deus cósmico, tão grande, para a nossa pobre mentalidade que, — Ele se desvaneca no inconcebível, — é sempre o Deus da nossa humanidade, é aquela aproximação maior do Deus absoluto, que permite, dêsse modo, à nossa pobre relatividade, uma Sua representação mental, numa concepção humanizada.

Ela, de fato, referia-se ao Deus cósmico como ao Seu Pai e Pai de todos, que, por seu intermédio, tomou-se para nós imaginável, como sua manifestação representável em nosso concebível sentir.

Este nosso Chefe e Guia, dirigente supremo dos eventos históricos em que se marcam as etapas da evolução humana, este Chefe e Guia nosso, que a todos nos une, acima de todas as divisões humanas, no mesmo anelo para o bem, não pode haver exaurido Sua missão salvadora e sua função protetora numa sua curta aparição na Terra, há vinte séculos e por poucos anos. Seria absurdo, tão grande sacrifício na Sua paixão, para, depois, nos deixar desarvorados, ao sabor da maré, largados a nós mesmos, ignorantes e fracos.

E' assim que, além de por intuição da fé havemos de admitir, também por necessidade lógica, ter Cristo permanecido presente entre nós, perto da nós, operando no desenvolvimento daquelas forças que constituem o nosso destino de viajores, remanescentes à montanha da perfeição para retornar a Deus.

Certo, não se trata de presença física, a qual possa ser registrada e anunciada por nossos sentidos. E' uma presença es-

piritual que, mesmo não sendo perceptível pelos sentidos materiais, todavia é revelada pelos sentidos da alma dos seres sensibilizados, que sabem usá-los.

Para esses, este é o maior conforto e a maior alegria da vida; e Sua presença é viva, real, ativa. Mas o que poderemos dizer aos outros, que não possuem a capacidade de intuição capaz de fornecer, por vias inusadas, como pensamento, vontade e sentimento, a sensação da presença viva do Cristo?

Eis que, então, o Natal pode tomar outra significação, diversa daquela acenada no início, de comemoração de um fato histórico. O Natal pode representar um verdadeiro nascimento do Cristo no coração de cada um, nascimento espiritual, significando o acordar do Divino que está em nós, de modo a verificar-se a grande transformação do ser para passar da fase biológica atual, animal-humana, àquela em que domina o biotipo mais evoluído — o homem do Evangelho — membro amável e consciente da grande família humana dirigida pelo Cristo.

Neste sentido é que havemos de conceber o Natal. Muitos nesta hora apocalíptica, aguardam um novo aparecimento do Cristo na Terra, em forma física. Isto importaria num novo sacrifício físico, que, agora, não teria mais utilidade. A humanidade não precisa de mais sangue a ser vertido, nem se deve endividar mais, repetindo os velhos crimes. O próximo dealbar do Terceiro Milênio representa o surgir do terceiro dia, o da ressurreição. A história da humanidade chegou a uma grande volta e, como em todas as maiores horas do destino do mundo, Cristo se torna mais ativo e manifesto.

Por isto Ele aumenta a pressão para renascer no coração dos homens, neste novo gênero de Seu nascimento, não material, mas espiritual, nesta nova forma de Natal, em que o Cristo se manifesta em nós, finalmente, percebemos como Ele vive e atua ao nosso lado.

Esta é a forma do reaparecimento de Cristo entre nós, na Terra, isto é, não como numa Sua nova encarnação, mas como nosso despertar interior. Isto é quanto o Natal deve representar para nós, mas, acima de tudo, a revelação em nós do Cristo espiritual vivo.

MORTOS

Há sempre numerosos mortos em nossa luta de cada dia, convocando-nos à prece da diligência e da bondade.

Mortes que jazem muito mais impassíveis que os outros-aquêles que, por vészes, julgais sentenciados à cinza e à separação.

Há usurários, inermes, em túmulos de ouro.
Há dominadores da carne, cerrados em sarcófagos imponentes de orgulho falaz.

Há juízes inumados em covas de lama.
Há legisladores mumificados em terríveis enganos da alma.
Há sacerdotes, enterrados em brilhantes mausoléus de simonia e, administradores encarcerados em umas infernais de inconfessáveis compromissos.
Há jovens mortos no vício e velhos amortalhados no frio do desencanto.
Há sábios enrijecidos no gelo da indiferença e heróis cristalizados em atitudes de medalhas faiscentes.

Há criaturas impulsivas em sepulturas de espinhos e mentes preguiçosas em sepulcros de miséria.

Se proclamardes a verdade para essas almas cadaverizadas no esquecimento da Lei Divina, decerto responder-vos-ão com a inércia, com a ironia, com a imobilidade e com a negação.

Para semelhantes retardados de espírito, pronunciou o Senhor as inesquecíveis palavras: — "Deixemos aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos".

Procuremos, pois, a vida, descerrando nosso coração ao trabalho constante do Bem Infinito, porque, em verdade, só aquele que aprende e ama sempre, renovando-se sem cessar para a Luz, consegue superar os níveis inferiores da treva, subindo, vitorioso, ao encontro da vida imperecível com eterna libertação.

EMMANUEL

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Uma Reencarnação Anunciada e Verificada

DR. M. DELARREY

No tempo em que eu ainda conservava certo ceticismo acerca da doutrina reencarnacionista e vidas sucessivas, minha mulher e eu fazíamos uma experiência com o Além por meio da prancheta, e, pouco a pouco, adquiria a convicção da realidade, verdadeiramente objetiva, dessas comunicações. Ora, um dia a prancheta, sob a mão de minha mulher, soletrou lenta e pensosamente as letras do nome Félix. Apesar das nossas perguntas, nada mais pudemos obter na sessão. Mas no dia seguinte o mesmo nome foi repetido, dessa vez seguido de um nome de família: FR. . . .

Do meu lado, não conheci pessoa nenhuma com aquêlê nome; mas minha mulher recordou-se que o pai tinha tido outrora, e durante uma dezena de anos, um criado com aquêlê nome. Perguntei então à suposta entidade presente:

— Você esteve noutros tempos ao serviço do Sr. X. . . e de sua família, na aldeia de B. . . ?

Resposta nitidamente afirmativa. Minha mulher, precisando então as suas recordações mais longínquas, acudiu-lhe à memória êste fato particular: aquêlê Félix tinha a orelha direita muito descolada, de modo que o pavilhão dessa orelha projetava-se para a frente (semelhantemente aos morcegos) muito mais que a orelha esquerda.

Foi somente na quarta sessão que êsse Espírito conseguiu manifestar-se com mais facilidade e que uma verdadeira conversação pôde estabelecer-se entre nós, como se o Espírito se visse forçado a servir-se do médium.

A respeito dessa pseudocompulsão, ocorre uma hipótese: podia ser que fosse a primeira vez que o Espírito, desencarnado havia já mais de vinte anos, tivesse oportunidade de se manifestar aos viventes, e, talvez lhe faltasse uma espécie de aprendizagem para comunicar os seus pensamentos às facilidades inconscientes de um médium.

De resto, é para assinalar que quando minha mulher transmite com a prancheta, não tem a mínima consciência do que o ponteiro do cursor marca, embora aparentemente não esteja em transe, porque enquanto a sua mão desloca o cursor, ela pode conversar sobre qualquer assunto com as pessoas que a rodeiam.

Em todo o caso, em cada nova sessão, as respostas do Invisível tornavam-se de mais em mais rápidas e nítidas.

Na sexta sessão, estabeleceu-se o seguinte diálogo entre nós e êsse Félix, logo que êle declinou o seu nome:

- Pergunta — Que é que desejaes?
- Resposta — Dizer-vos que brevemente vou voltar à vossa casa.
- Como assim? . . . Em nossa casa?
- Sim; quer dizer, na vossa família.
- Mas a nossa família é numerosa e está disseminada um pouco por toda a parte. Podeis, ao menos, precisar o nome do pais onde ireis nascer?
- Sim; é em P. . . (nessa altura disse o nome completo do pais; mais diante se compreendeu porque não posso revelar nome do pais, nem das pessoas que ainda estão bem vivas. . .).
- Será então em casa da nossa jovem parenta Y. . . ?
- Sim; ela já tem duas filhas.
- Sabeis os nomes delas?
- Seil (e indicou os nomes e datas do nascimento com exactidão).
- Poder-me-eis dizer também o dia do seu nascimento?
- Posso: no dia 24 de setembro de 1924, de manhã.
- Muito bem! Mas se êsse nascimento se deve produzir nessa data precisa, também deve ser possível que possa prever as circunstâncias desde já. Que é que nos provará que sereis vós mesmo Félix que ali nascerá?
- A senhorinha J. . . reconhecer-me-á pela minha orelha.
- Note-se que J. . . é o nome próprio da minha mulher, mas na ocasião da morte daquele Félix nós não tínhamos ainda casado nem sequer nos conhecíamos.

Depois dessa última sessão nunca mais obtivemos qualquer comunicação daquele

Espírito. Contudo tomei cuidadosamente nota da data indicada. Estávamos no mês de maio e desconhecíamos a gravidez da nossa jovem parenta indicada.

Em 24 de setembro de 1924, às 8 horas, da manhã, um telefonema do jovem pai anunciou-me o nascimento de seu filho! Eu não quis dizer-lhe que havia já mais de quatro meses que sabia que tal acontecimento se daria, porque conhecendo a sua mentalidade, êle acreditaria que eu tinha entendimentos com as potências diabólicas e infernais! Ora, eu não quero, de maneira nenhuma, contrariar as suas sinceras convicções católicas.

Em resumo: três meses depois dêsse nascimento, eu e minha mulher fomos convidados para uma grande festa de família no

país e na casa onde nascera o nosso pseudo Félix, mas num outro estado civil.

Estava lá muita gente da sociedade a quem a nossa parenta, cheia de contentamento, apresentava o filho. . . principalmente porque, tendo já duas filhas, receava um tanto que viesse uma terceira. Ela recebeu-nos, dizendo:

— Venham ver o nosso belo rapax. Como porém ainda não está habituado a ver tanta gente, e hoje não está de bom humor, contrariamente ao seu estado normal, cada vez que vê uma cara nova encoleriza-se e solta tantos gritos que não há maneira de o controlar!

Entramos no quarto onde estava o bebê. Assim que minha mulher se aproximou do berço, a criança pôs-se a sorrir através das

lágrimas que ainda lhe corriam pelas faces e estendeu as suas pequeninas mãos para minha mulher que o tomou nos braços e a quem êle olhava balbuciando alegremente. . . tanto quanto uma criança de três meses o pode fazer.

— Eis o que é verdadeiramente extraordinário! Acreditar-se-ia que êle a conhecesse!

Nós bem sabíamos que êle a conhecia desde muito tempo, mas não esperávamos uma tal demonstração da doutrina reencarnacionista. Não dissemos como e por quem o soubermos. . . Ter-nos-íamos simplesmente arriscado a ser excomungados pelos donos da casa se não o fôssemos por toda a família!

Depois dos cumprimentos do uso, disse à nossa parenta:

— Porque é que pôs aquela faxa em volta da cabeça do pequeno? . . . Alguma feridita?

— Oh! não — respondeu ela — não é nada. O pobrezito deve ter tido uma má posição no meu corpo; veio ao mundo com a orelha direita toda descolada, mas com êsse pequeno aparelho, o Doutor assegurou-nos que tudo se arranjará. De fato, a orelha vai colando progressivamente; dentro de poucos meses nem haverá vestígios.

. . . Agora deixo ao leitor toda a latitude para atribuir esta aventura, de um extremo ao outro, ao simples caso e a puras coincidências fortuitas. . . ou de ver aí uma prova patente e indiscutível de uma reencarnação prevista, anunciada e realizada.

Perguntar-me-ão talvez porque não dei eu à publicidade uma história autêntica e não romanceada, de há tanto tempo, que parece merecer aos olhos daqueles que sabem que não se morre, segundo os estudos bem documentados de Léon Chevreuil, de Léon Denis, de Gabriel Delanne. . . ou dos que contêm a Tumba fala, segundo o livro de Symbale. . . ou que A Morte não existe, segundo a recente obra do nosso amigo Henri Regnault. . . Eu respondo:

Os meus longos estudos práticos, teóricos e filosóficos da doutrina querida levantarão-me a estas conclusões:

Não é a nós, os viventes, que cabe dirigir a evolução da mentalidade humana geral para a Luz Espiritual; é missão dos Espíritos Superiores desencarnados — que nos inspiram muitas vezes sem o sabermos — e cuja admirável hierarquia constitui aquilo que em todas as épocas se chamou a Providência. Êsses Espíritos Superiores, contudo, podem utilizar-nos para agir onde entendam dever fazê-lo e sobretudo no momento mais oportuno. Os humanos que estejam bastante evoluídos para assimilar uma doutrina de Verdade e compreendê-la, encontram sempre na sua vida e no seu convívio, ocasião de aparência fortuita que lhes abre os olhos.

Quando aos outros, esta Luz deslumbrante e fã-los-ia mergulhar nas suas trevas. Quer dizer, que êsses fariam como as borboletas noturnas, que vendo uma chama luminosa, se precipitam sobre ela e queimam as asas.

Eu penso que nesses numerosos pseudo-espiritas que se entregam inconsideradamente e sem preparação intelectual suficiente, à experimentação de comunicações com o Além com uma curiosidade tão doentia quanto egoista. E por isso êles são o joque do dos Espíritos inferiores e maus que os atraem por meio de qualquer predição, às vezes justa e precisa, para em seguida os induzirem ao cometimento de milhares e milhares de erros grosseiros.

Significa isto que se deve proscrever toda a espécie de propagação a favor das Verdades que nós conhecemos? Não! Mas unicamente que é preciso usá-la com prudência com um fim fraternal e desinteressado, sem jamais insistir em tentar persuadir quem quer que seja daquilo que nós sabemos ser a Verdade.

Para isso, basta-nos seguir o exemplo do maior Instrutor da Humanidade que, tendo de ensinar muito explicitamente e com provas (como o poderia fazer) em apoio da doutrina reencarnacionista, contentou-se em ensinar primeiramente e antes de mais nada a fraternidade. Para os outros assuntos. . .

UM MINUTO ANTES DO SERMÃO DO MONTE

"E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte e depois de se ter assentado, se chegaram para o pé dele os seus discípulos". (Mateus — Capítulo V — vers:1)

Aquella multidão de criaturas vinha seguindo-o há algum tempo. Quem eram? — Homens anônimos nas classificações do mundo, mulheres despercebidas nos festins dos prazeres, jovens sem destino certo, crianças sem amparo seguro. Alguns eram pecadores insatisfeitos e cansados, em cujas almas se quebrara uma muralha e nascia uma brecha de luz. Outros eram anciãos de longas barbas brancas apoiados em adolescentes de olhos invulgares e vestes singelas. Muitos pés descalços feriam-se, indiferentes, nas pedras do caminho; muitos corações isolados e oprimidos sentiam o agasalho inédito da ternura divina e muitos olhos unidos conheciam a beleza da vida diante do suavíssimo convívio.

"Vinham da Galiléia, de Decápole, de Jerusalém, da Judéa, de além do Jordão. . .". Não se conheciam antes, mas agora ali estavam, semelhantes uns aos outros, unidos pela mesma sede, irmanados pela mesma esperança. As asperezas da luta diária e as desilusões da vida os tornaram párias, sofredores, humildes.

Em outros dias e noutros locais, tinham buscado, diversamente reunidos, o maná para as suas almas cansadas. Haviãam procurado nos templos, aos homens das escrituras. Conheceram os escribas, os fariseus e os rabinos de várias categorias, mas viram diante de todos, o oásis das palavras e o deserto dos exemplos — e o júbilo dos seus corações tinha sido passageiro e inseguro.

Um dia — solene e inesquecível dia! — depararam com aquêlê Rabino diferente, que ensinava com autoridade, buscava os doentes para os curar e os pecadores para os redimir. Nunca, ao seu lado, um gemido de dor ficava sem resposta nem um ato de fé sem recompensa. Enfermos e possessos se aproximavam e obtinham a cura ao simples contacto de suas mãos ou de seu olhar. . . Nenhuma paz fora tão sensível quanto a distribuída por êle. Nem a voz dos profetas excedera a beleza da sua voz. Suas palavras se abriam como cântaros de doçura a derramar a água viva nos corações dos homens e à sua passagem, todo o ambiente se modificava como se os profetas do passado e os anjos do Senhor estivessem reunidos nele.

Muitos dos que iniciaram a caminhada sublime dêsse dia, haviam se distanciado, e, perdendo o divino magnetismo da suave presença, ficaram em meio do caminho. Outros, depois de receberem os benefícios da cura, regressaram aos lares, jubilosos e desagradecidos.

Mas a multidão que o acompanhara até ali, não sentia o cansaço do corpo nem a sucessão das horas. Deixara para trás as filigranas do mundo, como quem deixa o superato, em busca de vida nova e sentia o prenúncio do horizonte que se abria do vértice daquele momento. Não trazia chagas nos corpos, nem reclamava o fluido curador da matéria; tinha fome no coração e sede no espírito.

E o Rabino diferente, que amava com a prodigalidade do céu, vendo ali os filhos da terra, selecionados pela sabedoria da fé, através da longa caminhada até ao monte, assentou-se — e ao pé dele os seus discípulos — e repartiui com todos o tesouro divino.

Sob a descrição de Mateus, o Sermão do Monte se imortalizou como a página mais bela do mundo.

O Jesus, hoje como outrora uma multidão de párias e pecadores se sente seqüitos de renovação e de amor.

Passado tanto tempo, podemos ver com clareza como tudo que se tem dito é pedra sem valor diante de seus ensinamentos. As vozes dos sábios, os conceitos dos filósofos, os aforismos dos rabinos de hoje, soam como pobres palavras, que não cobrem de vegetação os desertos da terra.

Só em ti — Mestre divino — sentimos autoridade para ensinar. Os nossos corações têm sorriso com as flores do mundo, mas o júbilo tem sido passageiro e inseguro.

Só em ti, percebemos a sementeira da alegria permanente. Diante dos troféus quebrados e dos louros que se tornaram pó, pudemos reconhecer que só tu não nos mentiste nunca.

A lição da dor abate lentamente o nosso orgulho milenar. O milagre da eternidade pode nos reunir à multidão do monte. Fala-nos à alma, Rabi. Desperta-nos o espírito.

Que os nossos olhos caiam sobre o teu sermão como se estivessem fitando o teu olhar divino e as tuas palavras, que o tempo guardou, penetrem na intimidade do nosso ser, com a vibração solene que precede a alvorada do novo dia.

N A N C Y P U H L M A N N

PAI NOSSO...

Não há quem não tenha tido ainda a indizível ventura de pensar, terna e suavemente, no sempre iluminado campo da prece — "esse fio de luz que nos une a Deus — nosso Pai", e onde sempre temos encontrado o bálsamo para as nossas dores físicas e a esperança para as nossas tristezas de alma, pois é nesses enternecedores momentos que também sentimos palpitar, numa efusão de luz, a inabalável certeza de que, realmente, somos oriundos de Deus. Então, a fé sublima-se, alteia-se e, invadindo de emoção todo nosso ser, transbordam-se em effluvios de bondade através das lágrimas que deslizam espontâneas pelas nossas faces.

Todavia, em seu sentido realmente espiritual, pouco se tem falado da prece das preces, daquela súplica a Deus que, por si só, é um mundo de luz, "o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-epilogo de sublimação em sua singeleza" e a mais singela de todas as sublimidades — a prece do "Pai-Nosso", nascida do mais puro coração do mundo e ensinada pelos lábios mais santos da Terra — a prece de Jesus.

Sim, "debaixo da mais restrita forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo; encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e obediência, ao mesmo tempo que o pedido das coisas necessárias à vida, encerrando em si mesma o mais puro princípio da caridade". E naquele dia memorável, inesquecível, depois de tantas exortações que vinha revelando aos Seus amados discípulos, do novo mundo da fé e da paz, do trabalho e da espiritualidade superior, perguntaram estes ao Divino Rabi da Galiléia, como deveriam orar. E então, Jesus, transfigurando-se, em verdadeiro desdobramento de luz, medita em significativo recolhimento, imprime no ambiente em derredor a mais augusta serenidade, é tomado da mais santa emoção, e, sentindo dentro de si os impulsos sagrados para o comovente colóquio com Deus, ergue a fronte para o Infinito e começa, ainda uma vez, a ensinar à Humanidade, que toda ela é obra de um Deus que, acima de tudo, é Pai. Sim, é Pai de todos porque não há uma só alma no Universo que não tenha nascido de Suas mãos eternas. E ensina mais, testemunhando a Sua própria fé em Deus, porquanto tudo no mundo revela aquele Poder e aquela Bondade. Sim, a harmonia do Universo é testemunha de uma sabedoria, prudência e providência que ultrapassam a todas as faculdades humanas. O nome de um Ser soberanamente grande e sábio está escrito em todas as obras da Criação: desde a terra violeta e o infimo inseto, até os astros que se movem na abóbada infinita, em toda parte está a prova de uma solicitude paternal. Eis por que Jesus assim falou: "Pai nosso que estás no céu".

Entretanto, era essencialmente necessário que os homens soubessem venerar o Seu Santo Nome, assim como ensinamos aos nossos filhos o respeito para com os próprios pais. O nome de Deus não pode ser proferido em vão, nem os nossos lábios O devem sussurrar sem motivo sério que justifique sua santa pronúncia. Foi por isso que Jesus completou seu luminoso pensamento, ao dizer: — "santificado seja o Teu nome".

Mas Deus, na Sua Sabedoria infinita dera-nos, para todo b sempre leis tão justas que tornaríamos felizes todos os homens se os mesmos as soubessem observar. Com essas leis, far-se-iam reinar no seio dos povos a paz e a justiça, através de um recíproco auxílio de sincera fraternidade; o forte sustentaria o fraco, o rico ampararia o pobre, o sábio instruiria o ignorante e o bom amaria aquele que ainda fosse mau. Para isso doara Deus a sua criatura de inteligência e de razão, além do instinto, bem como da liberdade para observar ou infringir as Leis Eternas, a fim de que

O que vem após mim é mais do que poderoso e cujas alparcas não sou digno de desatar; a Ele convém crescer, porém, a mim, diminuir", também o outro espírito, revestido de matéria feminina, colaborador, compreendeu a sua posição e não a ultrapassou.

A ação desse Espírito, como a de outros que vieram para incumbências mais apropriadas a mulheres, neste plano só pode ser bem avaliado se bem observado com o desejo de encontrar, de maneira positiva. Então veremos que, de todos os discípulos, de todos os apóstolos, de todos os amigos, ninguém soube amá-IO e compreendê-IO como Sua mãe. Quando O advertiu por haver ficado em Jerusalém, ainda menino, enchendo-a de preocupação, logo que Ele a alertou, imediatamente aceitou e "guardava todas essas coisas em seu coração". Guardou tão bem que não pediu como serva, nem ordenou como mãe, em Caná para que Ele desse a lição de providência e demonstração de saber a todos e de compreensão, obediência e respeito a ela. "Fazei tudo quanto Ele vos disser" são palavras que só a mãe, a discípula, a mensageira, a conhecedora, a confiante, a sabedora, a fiel poderia pronunciar como Maria pronunciou. Maria deu a todos também a lição de fé, amor, confiança, fraternidade e providência porque mostrou que sabia qual o poder e amor e a piedade do seu Filho.

Assim como encontrara graças perante o Senhor para ser mãe de Jesus, encontrou valimento e capacidade para ser mãe de João, o discípulo a quem Ele amava pela evolução que já alcançara e pela grande missão que deveria cumprir. E se Ele não amasse muito e muito a Sua mãe e nela confiase conhecendo-lhe o valor, no momento em que vencia o mundo, não a olvidou: ao cumprir o Seu desígnio, a redenção universalmente coletiva, lembrou-Se de amparar a Sua gran-

de e primeira colaboradora. Em cumprimento à ação eminentemente coletiva, individualizou o amor e o cuidado à Sua mãe.

Enquanto os discípulos, amigos e apóstolos O traíram todos, abandonando-O, negando-O, escondendo-se, fugindo, ela foi fiel até a morte. Arrostando a fúria da plebe ignara, ingrata e assassina e o poder amedrontado e, por isso mais furioso e liberticida, dos poderosos, nativos e estrangeiros, e ficou com Ele até ser entregue ao sepulcro.

Por que não foi com as outras mulheres, depois, ao sepulcro a fim de aperfeiçoar o preparo do corpo, como o fizeram as outras? Não se pode ver aí, nessa ausência, mais uma, de entre tantas, demonstração de fé e confiança nos ensinamentos e afirmações do Filho? Tanto Ele também assim sabia ser, que não foi preciso aparecer à Sua mãe; sabia que ela "guardava todas essas coisas em seu coração".

Apareceu, por isso, à Pecadora figurando a Humanidade para ressaltar o valor da redenção pelo amor, dedicação e purificação, pois que Sua mãe já conquistara e dedicara todas essas qualidades às criaturas como serva aperfeiçoada em outras e multiplíssimas encarnações ao ponto de "ter encontrado graças diante de Deus" e poder cumprir fiel e elevadamente o seu papel de serva. E após a ascensão de Jesus, entre os Apóstolos lá estava Maria, como nos conta o capítulo I dos Atos: "Todos estes (os onze restantes) perseveraram unanimemente em orações e súplicas com as mulheres e Maria, mãe de Jesus, e com seus irmãos".

Sem cultos, sem idolatrias; sem privilégios nem especiais devoções, o Espírito que na encarnação de há dois mil anos tomou o nome terreno de Maria, mereceu-nos admiração, gratidão e, das mulheres atuais, o exemplo praticado.

LUIZA PESSANHA CAMARGO BRANCO

ninguém pudesse alegar ignorância das mesmas, porquanto, numa previdência própria de Deus, quisera o Pai que Suas Leis fossem gravadas na consciência de Seus filhos, sem distinção ou exceção, a fim de que haja, na própria criatura, o mérito e a responsabilidade de seus próprios atos. Eis por que Jesus então disse: — "venha a nós o Teu reino".

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o superior, quão maior deve ser o da criatura para com o Criador? Pode a criatura humana ter o conhecimento perfeito das coisas e de seus atos, numa vida inteiramente social e num mundo regido por leis que não foram feitas por si mesmas? Fazer pois a vontade de Deus é observar as Suas próprias leis e submeter-se sem murmurar, sem queixume e sem revoltas, aos decretos Divinos. E o dia que o homem assim compreender na Terra, como compreendem as almas dos céus, saberá então sentir e viver, dentro de si mesmo, a vontade de Deus. Foi por isso que Jesus continuou, orando: — "seja feita a Tua vontade assim na Terra como no Céu".

Mas o homem, sempre esquecido das coisas espirituais, tem buscado há milênios o pão do dia na incessante preocupação das coisas do mundo, prendendo-se essencialmente às dificuldades do dia de ontem, bem como inquietando-se pelos prováveis obstáculos do dia de amanhã, quando melhor seria se vivesse e agisse bem no dia de hoje, equilibrando-se, a fim de sempre vencer. E sendo o homem corpo e alma, matéria e espírito, teria que lutar pelo pão da vida humana e pelo alimento da vida espiritual. Para o primeiro utiliza as ferramentas do trabalho sob a direção da inteligência que faz sede no cérebro; para o segundo maneja os instrumentos do bem e da justiça, sob o contróle do Amor que faz sede no coração. E foi assim que Jesus suplicou: — "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje". N

Entretanto, na luta pela vida, de há muito que o homem tem infringindo as leis de Deus, não se falando na infração dentro do próprio mundo social em que vive, ultrapassando o limite de seus direitos, quando não, inteiramente esquecido de seus deveres. Na conquista de seus gozos suplica e intercede para o esquecimento de suas dívidas, sobretudo morais, sem tolerar, na mínima parcela, os mesmos erros de seus semelhantes. Pede mas não oferece; recebe mas não dá; suplica mas não ajuda e exige sem também colaborar. Foi então que Jesus, tão preciso e tão justo, sussurrou: — "perdoa as nossas dívidas assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores".

E por fim, reconhecendo Jesus a nossa própria inferioridade, na pequenez de nossa alma, advertiu-nos amorosamente quanto aos perigos dos males nascidos de nós mesmos, bem como das consequências, inevitáveis, dos nossos próprios erros, na justíssima lei de causas e efeitos, de ação e reação. Se a causa primária do mal está em nós mesmos, é necessário estejamos alerta contra as expansões abruptadas de nosso instinto tão primitivo ainda, contra a supremacia dos vícios sobre a empobrecida virtude moral, bem como da malfadada ignorância que tem gerado, no próprio coração humano, o secular acervo de seus erros, tão dolorosos quão destruidores. E Jesus, sabendo que o mal não é de Deus e sim dos homens, pensando no amparo contínuo do Pai aos Seus filhos, reafirmou ao término de Sua divina súplica: — "e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal". Assim seja: — Sim, ó Deus, que se realizem os nossos santos desejos, no entanto, humildemente, inclinamo-nos diante de Tua infinita sabedoria e piedosamente ajoelhamo-nos perante a Tua infinita bondade, rogando-Te, por intermédio de Jesus Cristo, a Tua bênção de paz, de luz e de amor para toda a Humanidade, hoje e sempre.

JAIME MONTEIRO DE BARROS

AS MULHERES

Embora os parágrafos ns. 200 a 202 do Livro dos Espíritos nos esclareçam perfeitamente sobre a reencarnação do mesmo espírito ora em corpo feminino, ora em masculino, "de acordo com as provas por que haja de passar", dedico o trabalho presente, e os que se lhe seguirem, às Mulheres, atendendo à nossa atual responsabilidade de provas femininas. Isto não irá ser motivo de separações ou rivalidades, antes visa a compreensão, o incentivo para eficiente e consciente colaboração a fim de que não haja retraimento e conseqüente retenção do progresso, como antigamente, ou perturbação, como atualmente.

MARIA

Jesus, antes de rematar aqui, pelo suplício da cruz, a Sua divina e universal e infinita tarefa de redenção da Humanidade, já se dedicara, durante a Sua vida material, a redimir a parte dessa Humanidade que mais necessitava de redenção — as mulheres. Mais necessitavam porque a redenção delas tinha de ser objetiva e subjetiva. As leis, os costumes, a educação consideravam-nas escravas e elas, também, se consideravam assim.

Jesus, podendo aparecer neste plano de maneira mais independente, começou a redimir a Mulher encarnando, dependendo, portanto, no seio de uma mulher. Entretanto, não devia ser colaboração insciente, involuntária. Para que ela conhecesse o próprio valor, para que se sentisse redimida da condição em que viviam as mulheres — ignorância, timidez, sujeição, falta de confiança em si, joguete — sentido-se capaz de realizar uma grande tarefa, veio primeiramente o Mensageiro de Deus avisá-la. A fim de prepará-la para receber a grande incumbência, saudou-a: "Salve, agraciada,

o Senhor é contigo, bendita és entre as mulheres". E tanto Maria necessitava desse prévio preparo que "se turvou muito das suas (do Mensageiro) palavras e considerava — procurava compreender — que saudação seria esta".

O Espírito de luz não tratou a moça com o mesmo rigor com que tratara Zacarias. Este era sacerdote e a sua dúvida era de quem não acreditava no "milagre", pois não via condições materiais para tal realização. A pergunta de Maria, porém, não era dúvida mas, desejo de compreender. Ela queria saber para corresponder à escolha e melhor cumprir e não para tirar a prova. E como era chamada para colaborar na magna e sublime tarefa, precisava já se ir redimindo: sabendo, confiando em Deus e em si, enchendo-se, humildemente, de coragem. Depois de esclarecida sobre tudo isso, aceitou compreendendo, sabendo e tão bem e tanto que viu claramente qual a sua parte: declarou-se, então, serva. Como serva desempenhou, grandiosamente, sem falhas, a sua incumbência. O Mestre declarou que viera não para ser servido mas, para servir. Assim fez esta mulher admirável que deixou todas as mulheres — bendita és entre as mulheres por seres a iniciadora da tarefa de colaboração, de lutas, de humildade, de coragem, de vitória — exemplos de como devemos, também, desempenhar as nossas.

Há quem diga que o papel de Maria foi apagado, secundário, mediocre, por também ela ser assim. Se o próprio Batista, o precursor que avaliava perfeitamente a importância da sua parte; aquele de quem Jesus disse: é mais que profeta, é um anjo, dentre os nascidos de mulher não apareceu ninguém maior que João, o que veio preparar os caminhos do Senhor declarou —

INGLATERRA

Liga das Igrejas Cristãs para Pesquisas Psíquicas

O Sr. Max Kohleisen, nosso esforçado companheiro de Doutrina, traduziu de "Greater World" (O Mundo Maior), revista espírita inglesa, uma alviçareira notícia, que, juntamente com os comentários do tradutor, publicamos abaixo, com os nossos agradecimentos:

"Vivemos na época do despertar do Espírito e ninguém é capaz de reter o movimento ascensional da Humanidade.

Há cerca de um ano, vimos transmitindo à família espírita brasileira a grata notícia, qual a de haver o Parlamento inglês incluído no seu código nacional a lei que reconhece o Espiritismo como RELIGIÃO, seja na vida civil, seja no Exército, na Aviação ou na Marinha de Sua Majestade Britânica; isto, graças ao empenho do Marechal do Ar — Lord Dowding.

Hoje temos mais uma boa notícia a transmitir, também da Inglaterra, e que acabamos de extrair da revista espírita "The Greater World" (O Mundo Maior), editada em Londres. E' o seguinte: decidiram as várias correntes religiosas da Inglaterra congregar-se no sentido de serem estudados em conjunto os assuntos de psiquismo, principalmente no tocante ao prosseguimento da vida depois da morte.

Nesta solução, que se impunha, concordaram entre si os chefes eclesiásticos, "devido ao desenvolvimento extraordinário da tese (doutrina) espírita" em ambientes "fora das esferas das várias igrejas", em pesquisas cada vez mais surpreendentes sobre os fenômenos que, julgamos, devem enquadrar-se numa continuação da vida ativa do Espírito humano depois da morte do corpo material... — assim se expressaram.

Poi, por isso, aceita por eles a proposta dirigida pelo conhecido escritor e jornalista espírita Mr. Reginald M. Lester (associado à Liga Espírita "O Mundo Maior"), no intuito de se cogregar, devendo participar nas referidas reuniões um bom número de

PELO MUNDO

intelectuais e professores ilustres de Universidades inglesas, entre outras, também, a da "Oxford University". Assim confraternizados e animados pela máxima boa vontade, os vários chefes de diferentes credos religiosos delegarão a seus representantes mais capacitados o direito de se unirem em mesa redonda de estudos, junto com os elementos da delegação espírita, incluindo, também, um bom número de médiuns de várias faculdades. Estudarão o assunto, auxiliados, também, por intelectuais, cientistas e autoridades do ensino superior, e, mesmo, por homens altamente experimentados no desenrolar da vida humana, juizes do Supremo Tribunal da Gran Bretanha, etc. Já deram a sua adesão sem restrições a essa nova entidade, a "Liga das Igrejas Cristãs para Pesquisas Psíquicas", as seguintes personalidades:

O Revmo. Decano da Catedral de S. Paulo de Londres, W. H. Matthews; O Rev.º Cônego Dr. A. Hanson; O Rev.º Prof. Dr. R. J. Campbell (Teólogo); O Rev.º Dr. Leslie Weatherhead (City Temple); Dr. H. H. Price, Prof. de Lógica da Universidade Oxford; Mr. Reginald M. Lester, Escritor e Jornalista; Sir Cyril Atkinson, Juiz do Supremo Tribunal;

Deão W. S. Pakenham Walsh; Deão A. E. Webling; Vic. Charles W. Harrington; Vic. John D. Pearce Higgins; Vic. F. S. Simpson e outros mais.

* * *

Com imensa satisfação assistem os espíritas do Brasil a esse formidável progresso de entendimento e de confraternização que se vêm processando na culta Inglaterra. A ideia unificadora partiu de um membro dinâmico da Liga Espírita "O MUNDO MAIOR" de Londres, na pessoa do insigne escritor e jornalista Mr. R. M.

Lester. Coube a esse destemido jornalista a honra de solucionar o "X", solução da qual resultara: unir e confraternizar o clero de diversas religiões cristãs da Inglaterra, para que possa agora ser estudada em conjunto: pela teologia, pelos cientistas, sociólogos, legisladores, literatos, professores de filosofia e representantes do Espiritismo inglês, — aquela transcendental questão que a todos os homens interessa no grau máximo: a sobrevivência do Espírito depois daquele fenômeno — chamado "morte", questão essa que, infelizmente, tem representado até há pouco um incrível ponto de interrogação para a maioria da humanidade, razão por que ela — a humanidade — se lançou aos braços do materialismo. Isto é a consequência natural, porque as religiões que deviam fazer o papel de guias espirituais se estraficaram por falta de vigilância — terminaram, finalmente, junto com as "ovelhas" (os respectivos crentes) no mais sinistro dos abismos e beco — o materialismo..."

* * *

SÃO PAULO
Corredeira

A aparição da laje

Nas proximidades da Estação de Corredeira, em terras da Fazenda Amália, pertencentes às Indústrias Reunidas F. Matarazzo, está-se dando, a serem vazadas as informações, mais um fenômeno de aparição. Numa laje existente por ali aparece, entre folhagem agreste, a imagem de uma "santa", como lhe chamam ingenuamente os romeiros. A peregrinação, embora a "santa" ainda não tenha feito nenhum milagre, vai num crescendo enorme e já está causando sérios transtornos às autoridades da cidade de Cajuru. O Delegado de Polícia local tomou providências para evitar possíveis aci-

* * *

ultrapasse 4 fôlhas datilografadas, em dois espaços, como reza o regulamento. Podemos avaliar o interesse por essa parte do programa da reunião, apreciando as sugestões seguintes apresentadas pelas Mocidades do Estado de S. Paulo e transcritas do órgão da UME de Santos: "Mensageiro da União", número de outubro: UMESSP — S. Paulo: 1) Posição dos mogos espíritas em face das missões cléricas que combatem a Doutrina Espírita.

2) Atuação das Mocidades na unificação do movimento espírita.

3) Papel dos pais espíritas na educação infantil-juvenil.

M.E. de BARRETOS: 1) Quais os princípios básicos do Espiritismo e suas origens históricas.

2) Benefício e perigo das sessões espíritas.

3) O papel de "O Livro dos Espíritos" na Codificação.

M.E. DE S. BARBARA: 1) A educação em face do Espiritismo.

2) Qual a consequência religiosa do Espiritismo?

3) De onde viemos e para onde vamos? N.E. de JUNDIAÍ: 1) Como podem Deus e Jesus estarem em tôdas as partes ao mesmo tempo?

2) Responsabilidade da criatura no casamento, do ponto de vista espírita.

3) O problema do sexo sob o ponto de vista espírita.

M.E. "Fé em Deus", de SOROCABA: 1) O porquê da 3.ª Revelação.

Além destas, outras sugestões foram apresentadas por várias Mocidades dos Estados de Goiás, Minas, Mato Grosso e Paraná. O Departamento de Mocidades da USE acompanha com vivo interesse esse movimento e cooperará, na medida do possível, para que alcance feliz êxito a bem da unificação da família espírita e da propaganda orientada e sadia dos princípios enfiexados na 3.ª Revelação.

Além destas, outras sugestões foram apresentadas por várias Mocidades dos Estados de Goiás, Minas, Mato Grosso e Paraná.

O Departamento de Mocidades da USE acompanha com vivo interesse esse movimento e cooperará, na medida do possível, para que alcance feliz êxito a bem da unificação da família espírita e da propaganda orientada e sadia dos princípios enfiexados na 3.ª Revelação.

O prazo de entrega das sugestões encerrou-se em 30 de setembro último e no próximo dia 5 de dezembro se procederá à escolha das teses, sobre as quais qualquer entidade poderá discorrer, desde que não

SECÇÃO DA MOCIDADE

NOTICIÁRIO

Comunicam-nos de Ourinhos que foi fundada a Mocidade Espírita local; tal fato constitui um dos frutos do 2.º Congresso de Mocidades, visto que jovens ourinhenses participaram dessa reunião como observadores do movimento. Votos de muito progresso à primeira Diretoria.

A Mocidade Espírita Bosque - Vila Mariana em conjunto com o Clube dos Jornalistas Espíritas desta Capital, lançaram à venda o **Evangelho segundo o Espiritismo**, de Kardec, em ótima impressão. Os eventuais pedidos devem ser feitos a C. Postal 6454, S. Paulo, sendo o volume vendido a preço popular.

O Dep. de Mocidades da USE realizou no dia 5 de dezembro, às 20,30 hs., no salão da Federação Espírita, uma reunião intitulada "NOITE DE CONFRATERNIZAÇÃO DAS MOCIDADES ESPÍRITAS DA CAPITAL"; constou do programa seleção da parte artística e trabalhos sociais-doutrinários a serem apresentados por jovens espíritas.

EXPOSIÇÃO DO LIVRO ESPÍRITA

A União da Mocidade Espírita do Estado de São Paulo (UMESP) está patrocinando, com a colaboração de tôdas as entidades espíritas do Estado, uma EXPOSIÇÃO DO LIVRO ESPÍRITA, que se realizará na Galeria Prestes Maia, em data a ser oportunamente determinada.

A USE se fará representar pelos Confrades Srs. José Herculano Pires e João Teixeira de Paula.

RANCHARIA

E' com prazer que noticiamos a fundação da Mocidade Espírita de Rancharia, neste Estado, em setembro último, cabendo a presidência à Srta. Josefina M. Alves e a direção de estudos à Srta. Prof.ª Maria Aparecida dos Santos. A nova entidade juvenil os nossos votos de união e progresso.

FORMATURA DE GINASIANOS EM FRANCA

O GINÁSIO PESTALOZZI de Franca já tem mais uma turma de bacharelandos, aos quais no dia 12 deste mês entregará, às 20 horas, no Salão "Anália Franco", uma das suas dependências, o certificado de conclusão do curso ginásial.

Paraninfará a turma o Confrade Sr. Jaime Monteiro de Barros.

Os nossos agradecimentos pelo convite enviado e cumprimentos pela feliz efeméride.

TEMAS PARA AS TESES DA VIII CONCENTRAÇÃO

As Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo e do Brasil Central se preparam para a VIII Concentração de jovens e confrades espíritas, que se realizará em abril de 1955 na próspera cidade de Jundiá. De acordo com o art. 10.º do regulamento dessa Concentração, serão selecionadas, por uma Comissão especial, três teses entre as diversas que foram enviadas pelas Mocidades.

O prazo de entrega das sugestões encerrou-se em 30 de setembro último e no próximo dia 5 de dezembro se procederá à escolha das teses, sobre as quais qualquer entidade poderá discorrer, desde que não

dentees e atritos entre os romeiros e declarou "ser levado a crer que há muito de mistificação e de sugestão em tudo o que está acontecendo". O pároco não quis pronunciar-se a respeito e declarou apenas que a "Igreja aguarda fatos concretos para manifestar-se" e, enquanto ela não o faz, "recomenda aos Católicos critério, prudência e discrição" (1). Igual atitude de reserva tomou o Juiz de Direito.

Abstemo-nos por possa vez de emitir opinião acêrca do assunto. Costumamos pôr de mólho casos dessa natureza, em regra sempre deturpados. O fenômeno em si é possível, o, conquanto curioso, não apresenta nada de extraordinário. Os anais psíquicos registram fatos de aparição de imagens em lousas mortuárias, como a do túmulo de Treadwell, em Spring Place, nos Estados Unidos (2), em xicaras, como a de Edgard Viou, morto no campo de batalha de Meacourt-Gineyer, na França (3), comprovados fotograficamente e oficialmente, e outros que por certo não são do nosso conhecimento.

Queremos unicamente ponderar que o povo é demasiado crédulo e vê miraculões em fatos que são tão só "mal observados e sobretudo mal compreendidos", numa resposta dos Espíritos a Allan Kardec (4). Vamos dar uma prova provada ao leitor desta asserção. Conheçamos o presente caso antes de os jornais o publicarem. Contou-no-lo pessoa amiga, que teve ciência dele através de membros de sua família, residentes naquela localidade. Os parentes dela lhe haviam escrito que nos pés da lajem se enrodilhava uma cobra, como que montando guarda à aparição. A pessoa em apêço, naturalmente por sua conta e risco, nos garantiu que a cobra era a segunda, porque a primeira tinha sido morta pelos visitantes. Ainda mais: os mesmos visitantes tão logo se aproximaram da laje eram levados a prosternar-se contra a vontade. Os repórteres que lá estiveram não tocaram nesses pormenores. Não os teriam deixado de mencionar, se fossem reais. Conclusão: um crente, dando vãos à imaginação, falou da existência de uma cobra e da prosterinação; outro, não menos imaginoso, deu sumiço na primeira cobra e a substituiu por uma segunda. Ambos, certamente para dar maior realce ao caso, desfiguraram-no com novas côres. Quem conta um conto...

Mas a ser verídica a aparição, eja é sem dúvida provocada pelo Alto, que dessa maneira invita a humana gente para as cousas do Cêu. E explica-se pela projeção, por processos que ainda desconhecemos, da imagem de um Espírito na pedra. Não se produzem fenômenos de dermografia, não menos originais?

O nosso maior desejo seria não que o fenômeno continuasse a produzir-se, com cobra ou sem ela, mas sim que todos estudassem o Espiritismo, o qual "constitui o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula crendice", no ensinamento de Kardec (5). Não foi sem razão que o grande William Russel Wallace declarou preemprõriamente que "só o Espiritualismo (que é o Espiritismo para nós) explica racionalmente as cousas de feitiçaria e demonstra o que há nelas de realidade objetiva ou de ilusões subjetivas" (6).

Nada mais exato. Tomem pois cuidado os nossos Confrades com este e outros relatos, semelhantes ou dessemelhantes. A Doutrina não pode ser conspurcada por credulárias.

- (1) Fôlha da Tarde, São Paulo, n.º de 18-11-54.
- (2) Revista Internacional do Espiritismo, ano I, n.º 11, pág. 24.
- (3) Revue Spirite, ano de 1953, outubro, pág. 154.
- (4) O Livro dos Espíritos, número 552.
- (5) Idem, número 555.
- (6) William Russel Wallace: **Les Miracles et de le moderne Spiritualisme**, pág. 289, sem data.

Exposição de Livros Espíritas

Sob a direção da União da Mocidade Espírita de São Paulo reuniram-se, no dia 18 deste mês, às 15 horas, na sede provisória da União, na Rua Santo Amaro, 362, os elementos interessados na Exposição supracitada.

Postos em discussão diversos pareceres e sugestões, constituiu-se uma Comissão Central, assim distribuída:

Secretaria Geral: Dr. José Justino Castilho e Djalma de Deus Vieira.
Comissão de Livros, Revistas e Jornais: João Teixeira de Paula e Flávio Pacilo.

Comissão de Propaganda: Wandyc de Freitas e Vicente Cruz.

Comissão de Finanças: Dr. Nelson Lôbo de Barros e Dante Gandolfi.

Comissão de Execução: Wandyc de Freitas, Joaquim Alves e Dr. Hernâni Guimarães de Andrade.

Comissão de Assistência Social: Prof. Emílio Manso Vieira e Jorge Rizzini.
A Exposição em apreço é patrocinada pela UMESP, com a colaboração da USE, Federação Espírita do E. de S. Paulo, Clube dos Jornalistas Espíritas, Instituto Espírita de Educação e a Revista CENA, cujos representantes compareceram à reunião.

Realizar-se-á no dia 18 de abril vindouro, na Galeria Prestes Maia e a sua finalidade é mostrar ao mundo espírita e sobretudo ao leigo o que é o Espiritismo na sua parte bibliográfica e de assistência social.

A Comissão Central apela para todos os Confrades no sentido de lhe prestarem a maior colaboração possível, para êxito completo da Exposição, dado o seu caráter importante e altamente doutrinário.

A Comissão Central se reunirá semanalmente, fará palestras e visitas explicativas e estará à disposição dos interessados para qualquer informe a respeito do assunto.

A Rádio Progresso pôs gentilmente o seu microfone à disposição da Comissão Central.

Semana Espírita da Alta Mogiana

O Conselho Regional Espírita da 9.ª Região, sediada em Ribeirão Preto, realizou, com grande brilhantismo, na Alta Mogiana, de 7 a 12 do corrente mês, mais uma Semana Espírita, com a participação de 3 UMES, num total de 33 Entidades odesas.

As reuniões, por ordem de data, foram realizadas nas seguintes cidades:

Em Ribeirão Preto:
Dia 7 — Ocupou a tribuna o Dr. Tomás Novelino, que dissertou sobre o tema: **A Alma em face da Ciência.**

Dia 8 — O Dr. Wilson Ferreira de Melo falou acerca dos **Fundamentos biológicos da reencarnação.**

Dia 9 — O Dr. Walter Accorsi discorreu a propósito de **A Vida e a Morte em face dos princípios evangélicos e espíritas.**

Dia 10 — O Sr. Nivaldo Pereira Franco, de Salvador, Estado da Bahia, abordou o tema evangélico: **Maria Madalena.**

Dia 11 — Formação da primeira turma de licenciandos do Ginásio Espírita "Apóstolo Paulo", paraninada pela Srta. Maria Emilia Barbieri. Falou novamente Nivaldo Pereira Franco a respeito de **A vida de Jesus.**

A Mocidade Espírita "Emanuel" apre-

sentou selecionados números de canto, declamação e solos de violino e piano.

A parte artística esteve a cargo do próprio orfeão do Ginásio.

Em São Joaquim da Barra:

Dia 9 — Falaram os Srs. Dr. Tomás Novelino e Agnelo Morato.

A Mocidade Espírita de Franca apresentou alguns números de arte. Houve transmissão radiofônica por duas horas.

Em Franca:

Dias 10 e 11 — O Dr. Walter Accorsi discorreu sobre temas evangélicos no Educandário Pestalozzi.

No dia 11 a Mocidade fez a integração de mais 20 elementos.

O Sr. Nivaldo Pereira Franco, no dia 12, ocupou, das 9 às 10 horas, o microfone da rádio local, falando ainda, às 11 horas, na Mocidade, juntamente com o Sr. Jaime Monteiro de Barros, acerca de assuntos evangélicos.

Depois de outras pequena solenidades, caracterizadas por alto cunho de espiritualidade, encerrou-se, no Educandário Pestalozzi, sob vibrantes palmas da seleta assistência, a bem orientada Semana Espírita da Alta Mogiana.

Unificação em Marcha

Na realização da tarefa de consolidar e esclarecer o sentido do movimento de unificação, foram realizadas as seguintes visitas ao interior do Estado em caravana formada pelos confrades Carlos Jordão da Silva, Paulo Toledo Machado e Waldomiro da Silva Santos, da Diretoria Executiva da USE, acompanhados do sr. Emílio Manso Vieira, membro do C.D.E.

dia 30-10-54, em São José do Rio Preto, por ocasião da I Semana Espírita da Alta Araraquarense, realizada com grande entusiasmo, de 24 a 31-10-54.

— às 14,00 horas foram visitadas as seguintes instituições locais: Associação de Beneficência Espírita Consolador — Sociedade de Proteção aos Necessitados "Irmã Stelita" — Albergue Noturno Protetor dos Pobres.

— às 15,00 horas foram visitadas a Sociedade Espírita Allan Kardec e o Hospital Dr. Adolfo Bezerra de Menezes.

— às 20,00 horas, na sede da Associação Beneficente Espírita Consolador, em prosseguimento aos trabalhos da Semana Espírita, foi realizada uma palestra pelo confrade Emílio Manso Vieira. A reunião foi aberta pelo confrade Carlos Jordão da Silva.

Das visitas feitas às instituições locais e do contato que tivemos com os confrades da região, guardaram os caravaneiros as melhores impressões.

dia 31-10-54, em Catanduba, onde, pela manhã, foi visitada a Associação Espírita Amor e Caridade, localizada em prédio moderno, com magníficas instalações.

— nesse mesmo dia, depois de transitarmos por Novo Horizonte, Lins, Getulina e Guaibé, chegaram os caravaneiros a Marília, sede do 13.º C.R.E., onde estava se realizando a II Semana Espírita local. Nessa magnífica cidade da alta paulista foram visitadas as instituições seguintes: Hospital Espírita de Marília (para psicopatas), Associação Filantrópica de Marília (para crianças desamparadas) e Centro Espírita Luz e Verdade. À noite, neste último, o confrade Manso Vieira voltou a realizar mais uma palestra, depois do que, às 22,30 horas, os caravaneiros rumaram para Bauru.

dia 1-11-54 — em Bauru, para participar da abertura da Décima Semana Espírita Local, realizada com grande brilhantismo de 1 a 7 de novembro último.

— às 9,00 horas foram visitada as instituições de beneficência locais, amparadas pelo Espiritismo, ou sejam, a Vila dos Pobres, da Sociedade Beneficente Cristã, Sociedade de Proteção à Maternidade e à Criança Pobre, Hospital para Tuberculosos e Albergue Noturno. Infelizmente, a escassez de tempo não permitiu a visita à Colônia Agrícola, a nosso ver, por enquanto, a única no gênero. Verdadeiro trabalho apostólico e dos nossos irmãos de Bauru.

— às 14,00 horas, no Centro Espírita Vicente de Paula, foi realizada uma mesa redonda com a participação dos confrades Carlos Jordão da Silva e Paulo Toledo Machado e outros representantes de Sociedades Espíritas locais e de cidades adjacentes.

— às 20,00 horas, no Cine Bandeirante, foi feita a abertura solene da Décima Semana Espírita, pelo confrade Carlos Jordão. A direção dos trabalhos foi entregue aos representantes da USE, cabendo a Paulo Toledo Machado proferir a prece de encerramento. O orador ainda mais uma vez foi o confrade Emílio Manso Vieira, o qual, seja dito de passagem, foi felicíssimo em tôdas as palestras.

Ainda nessa mesma noite os caravaneiros retornaram a São Paulo, impregnados da fé, da confiança, da alegria, do entusiasmo dos nossos companheiros de tôdas as cidades visitadas, onde se pode notar a concretização de seus ideais em magníficas e esplêndidas realizações de obras assistenciais, atendendo a uma população enorme de nossos irmãos mais necessitados.

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DE SÃO PAULO

Prosseguindo em sua tarefa de consolidar a unificação em todos os seus aspectos, a USE vem, ao mesmo tempo, procurando descentralizar suas inúmeras atribuições, fazendo com que os Conselhos, UMES e UDES cooperem mais ativamente na execução do seu Plano de Trabalho.

Membros da D.E. têm procurado participar diretamente dos trabalhos de organização e confraternização, comparecendo às diversas Semanas Espíritas realizadas no decorrer do mês p. passado, no Interior, procurando, também, esclarecer as sociedades congregadas, em relação às finalidades da USE, sua organização, bem como sobre o desenvolvimento do movimento de unificação no Estado e no País.

O Conselho Metropolitano, os Departamentos de Organização e de Mocidades e o Conselho de Redação do "UNIFICAÇÃO" vêm-se desdobrando no sentido de atenderem às suas atribuições, realizando regularmente suas reuniões, deliberando e executando com eficiência suas várias atribuições.

A D.E. reúne-se quinzenalmente e vem estudando com carinho todos os assuntos que lhe são atribuídos pelo IV Congresso, pelo C.D.E., endereçado pelos demais órgãos e Centros adesos; vem executando seus misteres com a retidão e o senso de responsabilidade que caracterizam a USE.

Durante os meses de outubro findo e novembro, realizaram-se as Semanas Espíritas de Santo André, Marília, São Carlos, Alta Araraquarense, Bauru e do Vale do Paraíba, de conformidade com os programas elaborados, alcançando, tôdas elas, grande êxito, tanto sob o aspecto de divulgação doutrinária, como sob o da confraternização.

Foram visitadas tôdas as obras educacionais e assistenciais mantidas por Instituições Espíritas nessas localidades, evidenciando o

grande progresso da Doutrina nesse sentido e trazendo êsse fato grande incentivo a outras realizações semelhantes.

No próximo dia 19 de dezembro vindouro, reunir-se-á, mais uma vez, o Conselho Deliberativo Estadual, para tratar de diversos assuntos concernentes à unificação.

A USE, por intermédio de seu representante, tem estado presente a tôdas as reuniões mensais do Conselho Federativo Nacional, órgão da FEB, onde são tratados todos os assuntos que se referem à orientação e unificação do movimento espírita no País.

Comunicado do Instituto Espírita de Educação

O Instituto Espírita de Educação comunica aos espíritas em geral, que a partir de Janeiro estarão abertas as matrículas para os cursos, Jardim da Infância, Pré-primário e primeiro ano primário.

Maiores detalhes poderão ser obtidos na sede do Instituto, à rua Guaraná, 140 — Jardim Paulista.

Vida Esperantista

O Esperanto na conferência da UNESCO — Finalmente será discutido na 8.ª Sessão da Conferência Geral da UNESCO, que se realiza atualmente em Montevideu, o pedido internacional em favor do Esperanto. Para tão importante reunião a UFA (Associação Universal de Esperanto, com sede em Londres) incumbiu os profs. Ivo Lapenna e M. Fernández y Menéndez para participar da reunião, defendendo os pontos de vista dos esperantistas. Oxalá seja mais uma vitória dêsse movimento unificador da humanidade.

F. C. Xavier em Esperanto — A editora da Fed. Espírita Brasileira lançou há alguns anos duas obras recebidas mediúnicamente por F. Cândido Xavier e que foram traduzidas para a língua internacional; são elas: "Vochoj de Poetoj el la Spirita Mondo" (diversos autores) e "Antau do miljaroj" (de Emmanuel). As críticas recebidas de todo o mundo foram, de maneira geral, as mais lisongeiras e entusiásticas.

Clubes esperantistas em S. Paulo — Em pleno IV Centenário, existem três "Esperanto-Klubo" que propagam a língua internacional na capital paulista, a saber: o "S. Paulo", o mais antigo, fundado em 1937, o "Interfrata" e o "Interamiko"; êsses clubes realizam cursos, reuniões sociais, convêscotes, venda de livros, etc. e mantêm uma biblioteca especializada.

Resumo histórico do Esperanto — O Interfrata Esperanta Klubo (IEK) lançou recentemente a 2.ª edição, em português, do folheto "Breve História do Dr. Zamenhof e do Esperanto" (distribuição gratuita). Os interessados no recebimento de um exemplar poderão escrever para o IEK — Rua Santo Amaro, 362 — São Paulo.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

J. Heróulano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
João Teixeira de Paula
Abraão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual Cr\$ 20,00
Número avulso Cr\$ 2,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

